DISCURSO DO ACADÊMICO JOÃO RIBEIRO RAMOS, NO INSTITUTO DO CEARÁ, EM 20.09.1977

Exmo. Sr. General Dr. Carlos Studart Filho

DD. Presidente do Instituto do Ceará

Eminentes Titulares desta egrégia Instituição Cultural

Só mesmo por um dever de ofício subo até cá, às culminâncias desta tribuna ilustre, tantas vezes ocupada por figuras exponenciais, que por esta Casa passaram, deixando um rastro de luz tão intenso e tão brilhante como aqueles que traçam no firmamento as estrelas de primeira grandeza, num tempo que já ultrapassou noventa longos e belíssimos anos, e tribuna esta onde vós outros, preclaros Mestres aqui presentes, vos fazeis ouvir nos dias que correm, cada qual com a sua mensagem luminosa de renovação, com a sua bela e encantadora lição de humanismo, ou, ainda, com a sua aula magistral de sabedoria.

Se ousei subir até aqui com a minha pequenez e o meu nada, faço-o unicamente para vos trazer uma palavra sincera e afetiva de agradecimento. Agradecimento pela minha escolha e eleição para Sócio Correspondente deste Instituto, numa unanimidade que me cativou e muito me desvaneceu, em face da vossa generosidade tão-somente, pois que, me sei muito longe de merecê-la e de fazer jus à honraria, por falência de dotes intelectuais e culturais.

Senhor Presidente,

Ilustrados consócios:

Outro dia esta Instituição celebrava o seu 90o. aniversário de fundação, fato que tantas e tão justas alegrias despertou, não apenas aqui dentro sob este teto venerável, mas lá fora também; não só na alta Administração do Estado, como entre todas as associações culturais existentes, bem como entre os intelectuais e homens de pensamento do Ceará. Naquele dia me-

morável escrevia eu um artigo, publicado no "Correio do Ceará", compartilhando as vossas dulcíssimas alegrias. Falando por mim e pela minha bem-amada Academia Sobralense de Estudos e Letras, permiti-me a liberdade de algumas evocações dos dias já distantes da mocidade e que se ligavam à vida de figuras marcantes que faziam este Sodalício, na década de 20.

Permiti, nobres consócios, a liberdade e o doce prazer de volver, por alguns momentos, àquele tempo, e que recorde ou reponte para vós, cenas e fatos idos e vividos, e que me ficaram na memória, lembrando-vos os versos sublimes do poeta imortal, na "Dedicatória" de "A Musa em Férias": ". . . por isso quando o sol da vida já declina/ mostrando-nos ao longe as sombras do poente/ é-nos doce parar na encosta da colina/ e volver para trás o nosso olhar plangente. /Para trás, para trás, para os tempos remotos/ tão cheios de canções e tão cheios de embriaguez/ porque — ai! — a juventude é como a flor do lotus/ que em cem anos floresce apenas uma vez".

Com os olhos da alma revejo, neste momento, a encantadora Fortaleza de então, com apenas oitenta mil habitantes, que todos quase se conheciam e se cumprimentavam, como se todos membros de uma mesma e harmônica família, onde o calor humano era a tônica dominante.

Por iso mesmo os vultos da alta administração do Estado, da Prefeitura, da Assembléia e da Câmara Municipal, da Indústria e do Comércio e os da alta sociedade, bem como os componentes das instituições culturais, dentre as quais destacavam-se esta gloriosa Instituição e a egrégia Academia Cearense de Letras, eram cortesmente cumprimentados na rua, e mereciam o respeito e a admiração de todos, como o mereciam os ilustres desembargadores do Tribunal da Relação, os juízes de Direito e os doutos mestres das Faculdades de Direito, de Farmácia e Odontologia e da Escola de Agronomia, as únicas então existentes no Ceará.

Foi nessa época, menino, muito menino ainda, que conheci o Barão de Studart, figura excelsa de médico e de filantropo, e tão grande aí como o era nas Letras e na Ciência. Respeitado, admirado e querido sob todas as facetas. Parece-me estar a vê-lo: de baixa estatura, trajando sempre fraque e cartola alta, olhos intensamente azuis por trás de uns óculos de lentes fortes e aros de ouro; fala muito mansa, afável no trato, fidalgo nos gestos, enfim, denunciando à primeira vista o "gentlemen" inglês — não fora ele de ilustre descendência britânica! — e, por informações de meu mano José Waldo, que muito o admirava, sabia-o Presidente Perpétuo desta Casa,

Cônsul da Inglaterra e líder católico dos mais atuantes, com brilhante folha de serviços à Igreja de Deus, nesta bem-amada Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, onde se fizera apóstolo da Caridade, o que lhe mereceu ser agraciado pela Santa Sé com o título de Barão.

Vi-o de perto, nesse tempo, por duas vezes: a primeira vez quando visitou a Conferência Vicentina onde eu postulava — era costume do Barão, na qualidade de Presidente do Conselho Central Vicentino, visitar, aos domingos, as diversas conferências vicentinas da cidade, ora para corrigir falhas porventura existentes, ora e quase sempre, para estimular os irmãos na prática na Caridade cristã. Ali escutei-o embevecido sobre tais práticas e sobre a grandeza espiritual de Frederico Hozanan, e ainda numa exaltação à pureza e à santidade de São Vicente de Paulo, e cujos passos e ensinamentos ele próprio procurava seguir. A segunda vez foi no interior da antiga Farmácia Normal, à Praça do Ferreira, da propriedade de seu sobrinho, o farmacêutico Jaime Bezerra Studart, e onde pontificava o seu irmão, o velho Dr. Osvaldo Studart, cego, mas um incansável trabalhador e um dos expoentes da Farmácia no Ceará. Eu era o manipulador e merecia inteira confiança de meus chefes, apesar de minha pouca idade. O Barão, acompanhado do seu filho e secretário, Dr. Guilherme da Cunha Studart — o Guilherminho, como lhe chamavam familiares e íntimos, e de quem me faria amigo, e a quem ficaria devendo a caridosa corrigenda de muitas de minhas cincadas na língua ao tempo — entrou na Farmácia, sentou-se e ficou logo cercado pelas atenções de todos os presentes, entre os quais os irmãos ilustres — Dr. Carlos Studart, Dr. Oswaldo Studart, Alberto Studart e Dr. João Guilherme Studart, médico da Marinha, no posto de Capitão-de-Mar-e-Guerra.

Logo depois ele se queixava de dor de cabeça, enquanto o mano Oswaldo lhe oferecia, solícito, um pouco d'água e lhe sugeria que tomasse uma cápsula de piramido. Esclareço: nesse tempo não havia essa pletora de comprimidos analgésicos encontradiços hoje, às carradas, em qualquer farmácia, nos supermercados, mercearias ou mesmo nos bares. Tudo era então manipulado: pílulas, poções, cápsulas, xaropes, comprimidos, elixires, pomadas, etc., etc. Dominavam os chamados produtos oficinais, e os laboratórios nas farmácias eram verdadeiras oficinas e o técnico ali era o manipulador, cuja responsabilidade era tremenda, visto como lidava o dia inteiro e constantemente com os sais destinados ao avio das receitas médicas, quase que todas elas formuladas, já que os preparados farmacêuticos eram reduzidos e na sua maioria importados da França, da Inglaterra e alguns poucos dos Estados Unidos.

Assim, como manipulador, minha responsabilidade era enorme, pois, tinha em minhas mãos, quando preparava uma dessas fórmulas, uma vida humana, uma vez que trabalhava com uma verdadeira bateria de frascos, de todas as formas e tamanhos, contendo sais para a manipulação, e todos eles com rótulos escritos em Inglês, Francês ou Latim, e raros mesmo em Alemão. Desde o ópio bruto à morfina, desde a cocaína e a heroína à terrível estriquinina; desde os inocentes fluidos, extraídos de plantas medicinais nacionais e estrangeiras, ao vinho de Malaga. Desde o piramido e a aspirina, desde o salofeno e a urotropina, desde a antipirina e a fenacetina — que tinham nomes pomposos e quilométricos, já que científicos, respectivamente, de amidopirina, ácido acetilsalicílico, aceto paramidosalol, hexametilenotetramina, amidopirasolina e paraacetifenetedine — os inócuos açúcar-candi e corantes, destinados a mascarar o sabor das poções amargas ou dar uma coloração atraente aos xaropes contra tosse, asma ou bronquite. Uma verdadeira parnafenalia tudo aquilo a que se dava o nome de laboratório de manipulação.

Pois bem, a mandado de meu patrão lá fui eu preparar a cápsula de piramido para a dor de cabeça do Barão ilustre. Com a cápsula dentro de uma pequena cuba de louça, timidamente me aproximei do grande homem e l'ha ofereci. Ele tomou a pequena hóstia entre os dedos, num gesto delicado de agradecimento, olhou profundamente para a minha pequenina figura de quase menino ainda, e depois voltou-se para o irmão Oswaldo e perguntou:

— Será que é piramido mesmo? E sem esperar pela resposta do mano, contou um caso ocorrido com um colega de Faculdade, quando estudava Medicina na Bahia: o rapaz, lá em Salvador, entrara numa farmácia e pedira uma cápsula para dor de cabeça — de piramido, aliás — preparada na ocasião. Tomou-a e morria pouco depois. Haviam dado estriquinina em lugar de piramido. Ninguém sabe como.

Obedecendo a uma ordem do Dr. Oswaldo voltei ao laboratório, apanhei a balança de precisão, a caixa de cápsulas amilaceas e o vidro da amidopinina, de fabricação alemã, voltei para junto do grupo e sob os olhares de todos, e com mãos trêmulas, pesei vinte e cinco centigramos do sal e preparei nova cápsula, que o Barão tomou, finalmente, sem receio, depois, naturalmente, de ter lido o rótulo do vidro de piramido.

Lá estava, na cuba, a cápsula abandonada ou condenada, e foi então que, num gesto que jamais me procurei explicar, eu peguei-a, levei-a à boca

e a engoli tranqüilamente. Todos olharam surpresos para mim e o Barão me fitou, demoradamente, com um longo olhar penetrante, e depois disse:

— Menino, você me deu uma lição!

Até hoje, quando recordo esse episódio de minha juventude, eu me pergunto que espécie de lição seria aquela, mas jamais consegui saber.

É o Barão de Studart eminente Patrono da Cadeira 32 de minha bem-amada Academia Sobralense de Estudos e Letras, cadeira fundada pelo intelectual Artur da Silveira Borges e ocupada posteriormente pelo jornalista Júlio Álvaro Coelho, ambos falecidos, e atualmente por S. Excia. Revma., Dom Walfrido Teixeira Vieira, nosso eminente Pastor Diocesano, sacerdote baiano, professor, espírito acrisolado nas virtudes cristãs, bebidas nos Livros Sagrados e aprofundadas na filosofia tomista, Dom Walfrido foi eleito por bula do Santo Padre João XXIII, Bispo Auxiliar de S. Eminência o Cardeal da Silva, arcebispo de São Salvador, e posteriormente transferido para a Diocese de Sobral, cujo sólio ocupa dignamente há doze anos. Ao ser eleito para ocupar a Cadeira 32 daquele querido Sodalício, e quando lhe levamos a comunicação, S. Excia. Revma., confessou-me que nada sabia sobre o Patrono de sua cadeira, e me pediu dados necessários sobre o Barão de Studart. Recorri, então, aos bons ofícios de dois diletos amigos desta Casa — Mestre Raimundo Girão e José Osvaldo Araújo, este, para tristeza nossa e infinitas saudades minhas, já desaparecido pela porta baixa da Morte. Levei os dados obtidos a Dom Walfrido, e S. Excia. Revma., no dia da posse, me confessava a sua sincera e profunda admiração pelo seu ilustre Patrono em nossa Academia, como homem de cultura, como historiador respeitado e respeitável, como médico devotado e humanitário, e ainda, e sobretudo, como criatura humana imbuída daquele admirável espírito cristão dos verdadeiros seguidores do suave Rabi da Galiléia, na prática da Caridade, advinda daquele extase sublime diante dos esplendores da Fé.

Sr. Presidente; Srs. Consócios:

Com vossa licença respigo para os vossos ouvidos ilustres um pequeno parágrafo da Oração de Posse do Sr. Bispo de Sobral, proferida naquela noite de gala de 29 de junho de 1975, sobre a nobre figura do Studart douto e ilustrado: — "Quem procura inteirar-se da vida do Barão de Studart, Patrono de Minha Cadeira nesta Academia, encontra neste anglo-

-cearense de cultura poliédrica, mesmo sem auxílio da lâmpada de Diógenes, o homem, na sua expressão mais alta e mais pura. Sobressai-lhe, nos oitenta anos bem vividos, a imagem da bondade austera, do caráter firme, da inteligência viva, tudo emoldurado da paciência que faz os pesquisadores, da eficiência que faz os realizadores, da humildade que faz os sábios, da caridade que faz os ministros de Cristo".

Eis aí, senhores, uma síntese admirável da figura excelsa do Barão de Studart, tantas vezes louvado por gente culta daqui e lá de fora, e entre a qual avultam homens da estirpe de Rocha Pombo, Capistrano de Abreu, Afonso de Taunay, Clóvis Beviláqua, Farias Brito, Leonardo Mota, Escragnole Dória e tantos e tantos outros de igual porte com assento no Principado da Inteligência. E outras muitas ainda virão empós esses, pois, a vida dos grandes homens é para ser sempre revivida e rememorada, através das gerações, como fontes que são de pura água cristalina e onde se dessedentam as multidões sequiosas que passam, no Presente luminoso e de olhos voltados para um Futuro iluminado. Beber-se-ão aí os exemplos da dignidade que ofereceram, a honradez, as lições sábias que ditaram, as palavras de inexcedível beleza que disseram, as páginas doutas que escreveram enfim tudo isso que faz a grandeza espiritual de uma Nação, na perenidade do Tempo.

Sr. Presidente; eminentes Consócios:

Eis-me aqui entre vós para receber das mãos dadivosas do ilustre Presidente General Dr. Carlos Studart Filho, que conheço e admiro desde a minha juventude, ele, então jovem Tenente Médico do Exército, o Diploma de Sócio Correspondente deste egrégio Sodalício, que me foi outorgado por imensurável generosidade, numa unanimidade que me desvaneceu sobremaneira e que me tocou fundo o coração, e com a qual eu jamais sonhara, em face mesmo de minhas reconhecidas limitações. Há pouco, quando pisava os degraus da escada de mármore que leva ao vestíbulo deste templo do Saber e da Cultura, senti que um fantasma familiar "me tomou as mãos, olhou-me grave e terno/ e passo a passo caminhou comigo/" tal como está nos versos imortais do imortal poeta — conduzindo-me até cá, até junto de vós. Era meu irmão, o vosso falecido companheiro de ideal, José Waldo Ribeiro Ramos, lamentavelmente desaparecido bem cêdo do nosso convívio afetivo, presente, talvez, na vossa lembrança e bem vivo na minha eterna e dorida saudade, ele um devotado amigo desta Casa, como membro que foi dos mais atuantes, pelo amor intenso e incondicional que lhe votava e pela estima sincera que tributava a todos os seus

colegas de Instituto, e doutos companheiros de ideal, numa vida toda ela consagrada ao estudo e ao ensino, à pesquisa e à Cultura, bem assim ao cultivo das belas letras.

Vivendo ele nesta Capital, totalmente absorvido pelos seus deveres e afanosos trabalhos magisteriais, e eu lá, no meu distante e áspero sertão, por minha vez inteiramente voltado para as minhas pesadas tarefas profissionais, num cotidiano de 14 a 16 horas de trabalho, incluindo-se aí aquelas que me eram tomadas pela diretoria da Escola de Comércio Dom José de Sobral e pelo professorado, ao longo de vinte anos de uma voluntária dedicação. Assim, não sobrava a mim e nem tampouco ao mano José Waldo tempo para uma estreita correspondência epistolar e afetiva, mas isso talvez tenha concorrido para que os nossos encontros, todas as vezes que eu vinha a Fortaleza e quando, então, o visitava, fossem extremamente fraternos e amigos, cordiais e felizes. Em tais ocasiões falávamos de tudo e em todos: de nossa família, dos nossos filhos e dos nossos amigos comuns, das nossas aspirações, das nossas pequeninas conquistas e das nossas sofridas vitórias. Ele, melhor do que eu, tinha coisas para contar, falando-me dos seus triunfos nas lides do pensamento. Por duas vezes vi-o feliz, muito feliz, numa euforia quase ingênua mas extravasante porque insopitável: quando ingressou na Academia Cearense de Letras e quando foi recebido como Sócio Titular deste Sodalício, os dois maiores amores de sua bela vida, depois da família e dos seus livros.

Enquanto os nossos encontros eram raros e distanciados o mano querido e eternamente vivo na minha saudade, aqui estava, duas vezes por mês, percorrendo estas salas venerandas e à sombra augusta desta Casa do Barão de Studart, convivendo fraternalmente convosco, ouvindo-vos com agrado e fazendo-se escutar, na permuta das idéias, na troca de informes preciosos e precisos, no incentivo mútuo das pesquisas, e onde a História, a Geografia e a Antropologia eram a tônica predominante e apaixonada, com não poucas e vivas incursões pela Geo-Política e pela Literatura, temos sempre presentes nas palestras de homens de pensamento.

Confesso-vos, com franqueza e sem pejo — de lá, de longe, do sertão distante e do meu triste anonimato, onde mal chegava o eco das vossas vozes altissenantes nas asas alígeras da informação escassa da época — eu sentia, pobre pecador impenitente — o feio pecado da Inveja, torvo pecado que me feriu forte o coração, há poucos dias e quando aqui entrei pela primeira vez, em visita afetiva e vos encontrei, reunidos em sessão, tratando de assuntos relevantes e discutindo temas da mais alta impor-

tância cultural, sem quaisquer laivos de bizantinismo. Era orador da tarde o ilustre Dr. Florival Seraine, uma das figuras marcantes desta Casa e honra do Ceará intelectual e culto dos nossos dias. Um ambiente da mais pura transcendência espiritual e que aqui senti e respeitei naquela tarde, para mim memorável e inesquecível.

Sr. Presidente: ilustrados consócios:

O mundo atual passou por radical e incrível transformação, que estarrece e encanta, e que nos deslumbra e seduz, e desde que o homem, feliz portador da maior dádiva de Deus depois da própria vida — a Inteligência — descobriu os "sputniks" e construiu essas fabulosas naves interplanetárias que aí estão, e alçou-se pelo Infinito, em busca de outros mundos e na ânsia incontida de desvendar segredos multimilenares e intangíveis. Lamentemos, de passagem, que o homem, sempre insensato e inconseqüente escute e louve um Yuri Gagarin, uma das glórias da astronáutica, afirmando não haver encontrado a Deus, lá, nas alturas — . Pobre homem!

Desvendados que foram os segredos do Cosmo, o nosso mundo como que se tornou menor que dantes, com o encurtamento das distâncias através dos satélites de comunicação postos a serviço do homem e da Ciência, em giros controlados na atmosfera terrestre. E a Ciência avançou. E o homem evoluiu, aproximando-se cada vez mais do seu semelhante como seu irmão em Cristo. O que se passa nos antípodas, o que lá se faz e o que lá se diz, nós outros do lado de cá vemos e ouvimos instantaneamente, nesse admirável milagre que é a Comunicação que aí está, maravilhosa e bela, na plenitude das conquistas do espírito e dos conhecimentos humanos. É a confirmação plena daquela ousada mas absolutamente certa afirmativa de Pascal, quando dizia que "há mais luz e esplendor num só pensameno humano do que no brilho nos bilhões de estrêlas e nas galáxias que giram no Infinito.

Nessa esplêndida mudança que aí está e nessa extraordinária transformação de costumes e hábitos e que sacudiu até mesmo os pilares da Igreja, o Ensino e a Cultura não podiam permanecer estáticos, meio parados como há duas décadas passadas, ou, melhor dizendo, quase que totalmente circunscrito às capitais e às grandes cidades do país. Porque mais felizes e mais desenvolvidas, e onde, por motivos óbvios, vivem se aglomeram e se concentram os valores mentais que fazem a grandeza espiritual do País. Nesse período, e agora mais acentuadamente e com a socialização do Ensino, que gera Cultura, o fator máximo de desenvolvimento da Nação

nos dias que correm, mister se faz que a Cultura seja levada ao Interior, e o que, mercê de Deus, está se verificando com a criação de múltiplas faculdades de Ensino Superior e a instalações de várias Universidades Rurais e Regionais, possibilitadas pelo advento das Fundações. É o Brasil Grande que aí está em marcha para um amanhã de luz e de esplendor, impondo-se no concerto das nações civilizadas da terra. Brasil Nação livre entre nações livres, governado e guiado segundo as nossas tradições de gente amante da Paz e da Concórdia, sem influência ou pressões lá de fora, totalmente afastado e longe de doutrinas exóticas, malévolas, malsãs e anticristãs, sob as bênçãos de Deus.

Neste salutar ambiente de transformação por que passamos, cabe às instituições culturais nos moldes deste egrégio Sodalício, um papel de notável significação: fazerem-se presentes lá, no nosso sertão, até ontem abandonado e insulado na sua própria pequenez e no seu nada. E fazerem-se presentes, empunhando nas mãos fortes e dadivosas de seus membros Titulares um facho de luz incandescente, desfazendo trevas e esparzindo claridade — o vosso exemplo, nas conquistas do espírito.

Sim, meus senhores e doutos amigos meus — permiti que assim vos trate e assim vos considere, sem atentardes para as minhas mãos que estão vazias, já que infelizmente nada tenho para vos oferecer além de minha admiração. Levai até nós o vosso exemplo de amor à pesquisa, as vossas lições de sabedoria, todas as conquistas que fizestes ao longo de anos de pacientes e beneditinas perquirições, as vossas experiências científicas, os resultados dos vossos altos estudos, enfim tudo, tudo aquilo que de saber acumulastes em vossos cérebros privilegiados e que vindes repartindo até agora apenas com os irmãos mais próximos, já que os de mais longe não têm meios para chegarem até junto de vós.

Eu vos rogo — ide até lá, ide até nós, os sequiosos, e levai aos nossos lábios ressequidos a linfa cristalina e pura dos vossos ensinamentos. Ide até lá para sentirdes o calor que brota do nosso chão adusto mas acolhedor, e para que sintais também o calor humano que brota dos nossos corações afetivos.

Faço ponto final. Renovo portanto a expressão mais profunda do meu sincero agradecimento à generosidade de que fui alvo e concretizada no Diploma que acabo de receber. Peregrino que sou, eterno peregrino em busca da morada da Inteligência e da Cultura, aqui cheguei de mãos vazias e sem nada para vos oferecer além destas palavras destituídas inteiramente

de encanto e de beleza, já que elas não foram um discurso mas uma simples crônica, singelíssima na sua tessitura e, assim, para que do seu desatavio reste algo de ponderável em vossa lembrança, peço de empréstimo o fecho sublime de um livro de rara beleza clássica: — "Aqui termino eu a crônica da saudade. Saudades verdadeiramente? Puras recordações, saudades talvez, se ponderarmos que o tempo é a ocasião passageira dos fatos, mas sobretudo o funeral para sempre das horas".

Eminentíssimos consócios:

Antes de me despedir do vosso convívio amável, eu quero fazer uma prece ardente a Deus, lá nas alturas: que Ele me dê vida e saúde para estar ao vosso lado, em 1978, que se aproxima a largos passos, para compartilhar convosco as dulcíssimas alegrias que fluirão em aleluias sedutoras na alma de nosso insígne e preclaro Presidente, General Doutor Carlos Studart Filho, que estará celebrando festivamente três belas e jubilosas datas: 60 anos de médico, 50 de Sócio Titular deste Instituto e 10 como seu Presidente.

Todos nós reconhecemos e proclamamos a dedicação do nosso ilustre Presidente a esta Casa; o seu devotamento à Instituição; o seu grande amor por tudo que aqui se faz; a segurança e firmeza de sua administração; o seu eficiente trabalho cotidiano em favor da Cultura; o zelo incansável com que se devota aos empreendimentos culturais, aqui dentro nascidos e todos eles oriundos das vossas idéias, expressas em palavras que "são a força do pensamento", conforme li numa página encantadora do nosso ilustrado Mestre Hélio Melo.

Que Deus, Sr. Presidente, General Dr. Carlos Studart Filho, continue a vos guiar os passos fortes como dirigente supremo desta Casa do Barão de Studart. E que Ele abençoando sempre o vosso profícuo trabalho, como o fez até hoje, continue igualmente a iluminar a vossa primorosa inteligência nas fulgurações do pensamento, tudo, tudo, em bem e pela imperecível grandeza e pela eterna beleza espiritual deste Instituto do Ceará, honra e glória do Ceará Cultural.

Sr. Presidente e Senhores Titulares do Instituto do Ceará:

Escutai um pedido a mais do pobre peregrino que se despede: consenti que eu volte aqui, não apenas uma vez mas muitas vezes mais. Quero e preciso voltar ao vosso convívio ameno, precioso, puro e salutar, mas

tão-somente para vos ouvir nas lições de sabedoria que ditais para o Ceará, para o Brasil e quiçá para o mundo. Algumas horas que eu possa viver ao vosso lado serão preciosas para mim, e eu vos afirmo que elas serão em meus lábios e em meu coração um eterno desmentido às palavras do sábio grego da Antiquidade, que costumava dizer, num pessimismo amargo: — "Todas as vezes que saio a conviver com os homens volto menos homem".

Permiti, pois, que eu vos diga, com alegria e firmeza:

— Até breve!